

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

O CODEX

632

romance

gradiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

O Codex

632

2005

GRADIVA

À Florbela, à Catarina e à Inês, as minhas três mulheres.

Aviso

Todos os livros, manuscritos e documentos mencionados neste romance existem. Incluindo o Codex 632.

Prólogo

Quatro.

O velho historiador não sabia, não podia saber, que só lhe restavam quatro minutos de vida.

O elevador do hotel aguardava-o de portas escancaradas e o homem carregou no décimo-segundo botão. O ascensor iniciou a viagem e o seu ocupante admirou-se ao espelho. Achou-se acabado; viu-se calvo no topo da cabeça, apenas tinha cabelos por trás das orelhas e na nuca; e eram cabelos grisalhos, alvos como a neve, tão brancos quanto a barba rala que lhe escondia a cara magra e chupada, riscada por rugas profundas; arreganhou os lábios e analisou os dentes desalinados, amarelos de tão baços, com exceção dos falsos que lhe tinham sido implantados, eram esses os únicos que respiravam uma saúde nívea de marfim.

Três.

Um tim suave foi a forma encontrada pelo elevador para lhe anunciar que tinham chegado ao destino, era favor o ocupante sair e ir à sua morte porque ele, o elevador, tinha mais hóspedes para atender. O velho pisou o corredor, virou à esquerda, procurou com a mão direita a chave no bolso e encontrou-a; era uma ficha branca de plástico com o nome do hotel num lado e uma fita escura no outro; a fita continha o código da chave. O velho colocou a ficha na ranhura da porta, acendeu-se uma luz verde na fechadura, rodou a maçaneta e entrou no quarto.

Dois.

Foi recebido pelo bafô seco e gelado do ar condicionado, os pelos eriçaram-se-lhe com o frio gostoso, pensou em como era bom sentir aquela frescura depois de uma manhã inteira sujeito ao calor abrasador da rua.

Curvou-se sobre o frigorífico rasteiro, abriu a porta, tirou o copo com o sumo e aproximou-se da larga janela. Com um suspiro tranquilo admirou os prédios altos e antiquados de Ipanema; mesmo em frente plantava-se um pequeno edifício branco de cinco andares, sob o sol quente do início de tarde cintilava no terraço uma piscina de água azul-turquesa, convidativa e refrescante; ao lado erguia-se um prédio escuro mais alto, com largas varandas peçadas de cadeiras e espreguiçadeiras; os morros, lá ao fundo, formavam uma barreira natural que cercava a floresta de betão com os seus curvos contornos verdes e cinza; o Cristo Redentor acenava de perfil no Corcovado, figurinha esguia e ebúrnea a abraçar a cidade lá do alto, frágil e minúscula, equilibrando-se sobre o abismo do maciço arbóreo do mais alto morro da cidade, pairando na crista do miradouro acima de um pequeno tufo esbranquiçado de nuvens que se colara ao topo do promontório.

Um.

O velho levou à boca o copo e sentiu o líquido alaranjado descer-lhe suavemente pela garganta, doce e fresco. O suco de manga era a sua bebida favorita, especialmente porque o açúcar fazia sobressair o travo meloso do fruto tropical; além do mais, as sucarias produziam um sumo puro, sem água, com a fruta descascada na hora, e o sumo de manga vinha compacto, os fios do fruto misturados no líquido espesso e revigorante. O velho engoliu o sumo até ao fim, de pálpebras cerradas, saboreando a manga com vagarosa gula. Quando terminou, abriu os olhos e observou prazenteiramente o azul resplandecente da piscina no terraço do prédio à

frente do quarto. Foi a derradeira imagem que registou.

Dor.

Rebentou-lhe nesse instante no peito uma dor lancinante; contorceu-se numa convulsão, dobrou-se sobre si, agitou-se num espasmo incontrollável; a dor tornou-se insuportável e o homem tombou no chão, fulminado, os olhos rolaram e ficaram fixos e vidrados no tecto do quarto, imóveis, o corpo deitado de barriga para cima, os braços abertos e as pernas esticadas, tremendo numa derradeira contracção.

O seu mundo chegara ao fim.

I

"O quê? Queres outra vez torradas com manteiga?"

"Que'o"

"Outra vez?"

Tomás suspirou pesadamente. Agastado, manteve o olhar fixo na filha, com ar de reprovação, como se a estivesse a intimar a mudar de ideias. Mas a rapariga fez que sim com a cabeça, ignorando olímpicamente a irritação do pai.

"Que'o."

Constança olhou desaprovadamente para o marido.

"Ó Tomás, deixa-a lá comer o que quiser."

"Eh, pá, mas é sempre a mesma coisa, já chateia", protestou. "É sempre torradas com manteiga, torradas com manteiga, todos os dias."

Acentuou a palavra todos e fez uma careta de repulsa. "Já não lhe aguento o cheiro, dá-me vômitos."

"Mas ela é mesmo assim, o que queres?"

"Eu sei", resmungou Tomás. "Mas podia ao menos tentar mudar, não é?" Ergueu o indicador direito. "Pelo menos uma vez na vida. Uma. Não peço mais. Só uma."

Fez-se silêncio.

"Que'o to'adas co' manteiga", murmurou a filha, imperturbável.

Constança saiu do fogão, tirou do saco duas fatias de pão de forma sem cõeada e depositou-as na grelha da torradeira.

"Já vai, Margarida. A mãe já te dá as torradas, minha filha."

O marido encostou-se na cadeira e suspirou com desânimo.

"Além do mais, come que nem uma alarve." Fez um gesto agastado com a cabeça. "Olha para ela, a lambuzar-se toda, a comilona. Até saliva a olhar para a torradeira."

"Ela é mesmo assim."

"Mas não pode ser", exclamou Tomás, abanando a cabeça. "Dá-nos cabo do orçamento todo a comer desta maneira. Não ganhamos para isto."

A mãe aqueceu o leite no microondas, deitou-lhe duas colheres de chocolate em pó e duas colheres de açúcar, mexeu e colocou o copo na mesa. Instantes depois, a torradeira fez o tradicional tic, anunciando que as torradas estavam prontas. Constança retirou-as da torradeira, barrou-as com um pouco de margarina e entregou-as à filha, que logo as meteu na boca com a parte da margarina voltada para baixo, como era seu hábito.

"Hmm, ma'avilha!", gemeu Margarida, saboreando as torradas quentes. Pegou no copo e engoliu mais um pedaço de leite com chocolate; quando pousou o copo, tinha um bigode de chocolate pintado sobre os lábios. "Muita bom!"

Pai e filha saíram do apartamento dez minutos depois. A manhã despertara fria e ventosa, a brisa soprava de norte, desagradável, e agitava os choupos num farfalhar intranquilo, nervoso; gotas de água cobriam o automóvel, cristalinas e reluzentes, e o alcatrão apresentava-se com pequenos lençóis molhados; parecia que tinha chovido, mas eram, afinal, os vestígios do manto de humidade que tombara durante a noite, embaciando vidros e depositando-se aqui e ali, minúsculos lagos abertos um pouco por toda a vila de Oeiras.

Tomás levava a pasta numa mão e agarrava com a outra os dedinhos da menina; Margarida

vinha com uma saia de ganga clara e um casaco azul-escuro, carregando com desenvoltura a mochila às costas. O pai abriu a porta do pequeno Peugeot branco, pôs Margarida no banco de trás, arrumou a mochila e a pasta nos pés dos assentos e sentou-se ao volante; ligou a ignição, fez marcha atrás e arrancou. Ia com pressa, a filha estava atrasada para a escola e ele tinha de vencer os engarrafamentos matinais para ir dar uma aula à faculdade, em pleno centro de Lisboa.

No primeiro semáforo espreitou pelo retrovisor. No banco de trás, Margarida devorava o mundo com os seus grandes olhos negros, vivos e esfomeados, contemplando as pessoas a cruzarem os passeios e a mergulharem no nervoso bulício da vida. Tomás procurou vê-la como um estranho a veria, os olhos rasgados e o cabelo fino e escuro, o ar de asiática gorduchinha. Chamar-lhe--iam anormal? Tinha a certeza de que sim. Não era isso, afinal, o que ele próprio antes lhes chamava, quando os via na rua ou no supermercado? Anormais. Imbecis. Atrasados mentais. Como eram irónicas as voltas que a vida dava.

Lembrava-se, como se tivesse sido ainda hoje, daquela manhã primaveril, nove anos antes, quando chegou à maternidade, efusivo e excitado, transbordando de alegria e entusiasmo, sabendo que era pai e querendo ver a filha que nascera naquela madrugada. Foi a correr para o quarto com um ramo de madressilvas na mão, abraçou a mulher e beijou a menina recém-nascida, beijou-a como a um tesouro, e comoveu-se ao vê-la assim, aconchegada no berço, as faces rosadinhas e o ar patusco, parecia um minúsculo e sonolento Buda, tão sábia e tranquila.

Não durou meia hora esse momento de felicidade plena, transcendente, celestial. Ao fim de vinte minutos, a médica entrou no quarto e, fazendo-lhe um sinal discreto, chamou-o ao seu gabinete. Com ar taciturno, começou por lhe perguntar se tinha antepassados asiáticos ou com características especiais nos olhos; Tomás não gostou da conversa e, de modo seco e directo, indicou--lhe que, se tinha alguma coisa para dizer, que o dissesse; foi então que a médica lhe explicou que antigamente se dizia que determinado tipo de pessoa era mongolóide, expressão caída em desuso, substituída por pessoa com síndrome de Down, ou então com trissomia 21.

Foi como se lhe tivessem dado um murro no estômago. O chão abriu-se-lhe sob os pés, o futuro mergulhou numa treva sem retorno. A mãe reagiu com um mutismo profundo, ficou muito tempo sem querer falar no assunto, os planos para a filha tinham--se desmoronado com aquela terrível sentença. Ainda viveram uma semana de ténue esperança, enquanto o Instituto Ricardo Jorge efectuava o cariótipo, o teste genético que esclareceria todas as dúvidas; passaram esses dias a tentarem convencer-se de que tinha havido um equívoco, afinal parecia a Tomás que a pequena tinha expressões da avó paterna e Constança identificava sinais característicos de uma tia, com certeza que os médicos se tinham enganado, é lá possível que esta menina seja atrasada mental, francamente, é preciso ter lata para sugerir tal coisa! Mas um telefonema efectuado oito dias depois por uma técnica do instituto, com as fatídicas palavras "o teste deu positivo", tudo tornou definitivo.

O choque revelou-se brutal para o casal. Tinham ambos vivido meses a projectar esperanças naquela filha, a acalantar sonhos na menina que os prolongaria, que os projectaria para além da vida; esse castelo desfez-se com aquela meia dúzia de palavras secas. Apenas restou a incredulidade, a denegação, a sensação de injustiça, o turbilhão incontrolável da revolta. A culpa era do obstetra que nada percebera, era dos hospitais que não estavam preparados para aquelas situações, era dos políticos que não queriam saber dos verdadeiros problemas das pessoas, era, afinal, da merda do país que temos. Depois veio a sensação de

perda, uma profunda dor e um inultrapassável sentimento de culpa. Porquê eu?

Porquê a minha filha? Porquê? A pergunta foi mil vezes formulada e ainda agora Tomás dava consigo a repeti-la. Passaram noites em branco a interrogarem-se sobre o que tinham feito de mal, a questionarem-se sobre as suas responsabilidades, à procura de erros e de faltas, de responsáveis e de culpados, de razões, do sentido de tudo aquilo. Numa terceira fase, as preocupações deixaram de se centrar em si e passaram a voltar-se para a filha. Questionaram-se sobre o seu futuro. O que faria ela da vida? O que seria dela quando fosse mais velha e já não tivesse os pais para a ajudarem e protegerem? Quem trataria da filha? Como se sustentaria? Viveria bem?

Seria autónoma?

Seria feliz?

Chegaram a desejar-lhe a morte. Um acto de caridade divina, sugeriram. Um acto de misericórdia. Seria talvez melhor para todos, melhor para ela própria, poupar-lhe-ia tanto sofrimento desnecessário!

Não há, afinal, bens que vêm por mal?

Um sorriso da bebé, uma simples troca de olhares, uma gracinha inocente e tudo de repente se transformou. Como num passe de mágica, deixaram de ver em Margarida uma anormal e passaram a reconhecer nela a sua filha. Concentraram a partir daí todas as energias na menina, nada era bom de mais para a ajudar, viveram até na ilusão de que a haveriam de "curar". A sua vida tornou-se a partir daí um corruio entre institutos, hospitais, clínicas e farmácias, com periódicas avaliações cardiológicas, oftalmológicas, audiológicas, da tiróide, da instabilidade atlanto-axial, um sem-número de exames e testes que a todos esgotaram.

No meio daquela vida foi um verdadeiro milagre Tomás ter conseguido concluir o seu doutoramento em História, revelou-se incrivelmente difícil estudar criptanálise renascentista, com os seus complicados enigmas de Alberti, Porta e Vigenère, por entre tantas fadigas e correrias para médicos e analistas. O dinheiro faltava, o seu ordenado na faculdade e o que ela ganhava a leccionar Artes Visuais no secundário mal chegavam para as despesas diárias. Feitas as contas, tamanho esforço teve consequências inevitáveis na vida do casal; Tomás e Constança, absorvidos nos seus problemas, quase deixaram de se tocarem. Não havia tempo para isso.

"Ó pai, vamos canta'ola'?"

Tomás estremeceu, regressando ao presente. Voltou a olhar pelo retrovisor e sorriu.

"Estava a ver que te tinhas esquecido, filha. O que queres que eu cante?"

"Aquela do Ma'ga'ida olha po' mim." O pai pigarreou, afinando a voz:

Eu sou uma Margarida,

Flor do teu jardim.

Sou tua,

Meu pai.

Eu sei que olhas por mim.

"Boa! Boa!", exclamou ela, eufórica, batendo palmas. "Ago'a o Zé ape'ta o laço."

Estacionou na garagem da faculdade, ainda semideserta às nove e meia da manhã. Apanhou o elevador até ao sexto andar, foi verificar a correspondência ao gabinete e buscar as chaves ao secretariado, desceu pelas escadas até ao terceiro, passando por entre as estudantes que se aglomeravam no átrio e tagarelavam ruidosamente entre si. A sua presença

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

